

O autor como gesto, Giorgio Agamben

Seminário regular do Grupo Museu/Patrimônio

Maio 2019

Anna Maria Rahme

Professora Dra. Pesquisadora GMP, FAUUSP, São Paulo, Brasil.

annarahme@gmail.com

Resumo

O seminário tem por base o texto *O autor como gesto*, de Giorgio Agamben, cujo enfoque se detém a examinar a conferência *O que é um autor?* (1969) na qual Michel Foucault evidencia a “função-autor”, enquanto esquece do “indivíduo real”, ou seja, do instaurador de discursividade, aquele que se apropria, distingue e seleciona, autentifica ou não, enuncia e estabelece a transdiscursividade. Estão em discussão o sujeito e o sujeito como indivíduo aos quais Agamben agrega o sujeito-autor.

Palavras-Chave: Profanação. Autor. Michel Foucault. Discurso. Sujeito.

...a marca do autor está unicamente na singularidade de sua ausência.
(FOUCAULT, 1969)¹

Selvino J. Assman na Apresentação do livro *Profanações* (2004) traz uma descrição do filósofo Giorgio Agamben e sua “corajosa leitura do pensamento político contemporâneo” com ênfase na “luta da vida e das formas da vida contra o poder” e fala da importância das **táticas de resistência e descrição**² no enfrentamento de “um mundo onde tudo parece ter-se tornado necessário e inevitável, sagrado”. Neste mundo, sem sujeito, sem liberdade e sem possibilidade de criação, é necessário abrir frestas entre “um poder-ser e um poder-não-ser”, “sem medo de ficar entre o dizível e o indizível”, e Agamben sugere buscar na infância “nossa capacidade de **jogar** e de amar, a saber, de viver na intimidade de um ser estranho, não para fazê-lo conhecido, e sim para estar ao lado dele” (Assman, 2007, p. 6).

Para a compreensão do texto *O autor como gesto* é fundamental, a relevância da “vida humana como **potência** de ser e de não ser”, assinalada por Assman, para entender o sentido da **profanação** – “no direito romano, indicava o ato por meio do qual o que havia sido separado na esfera da religião e do sagrado voltava a ser restituído ao livre uso do homem” (Agamben, p. 10) - como meio de resistir, tentando “uma nova política, um novo ser humano, uma nova comunidade, pensando e promovendo o avesso da vida nua”. Uma potência em relação ao ato, “entre o possível e o real, mas também a considerar de modo novo, na estética, o estatuto do ato de criação e da obra e, na política, o problema da conservação do poder constituinte no poder constituído” (Assman, p. 7).

¹ Michel Foucault. *O que é um autor?* Conferência de 29/02/1969.

² Em todo o texto, estas como todas as palavras em Negrito e Itálico são grifos da autora no intuito de alertar para os temas tratados por Giorgio Agamben no capítulo analisado, bem como em todo o livro *Profanações*.

No capítulo em análise, Giorgio Agamben parte dos conceitos expostos por Michel Foucault na conferência *O que é um autor?* (fev. 1969), iniciando pelo que denominou contradição do sentido da operação de Foucault ao citar Beckett – “o que importa quem fala, alguém disse, o que importa quem fala” -, pois ao dizer *alguém* este introduz a “irreduzível necessidade” ao mesmo tempo que “nega qualquer relevância à identidade do autor”. Com estes pensamentos Agamben esclarece que Foucault concentrou sua análise na “função-autor”, deixando de lado o autor como “indivíduo real”, lembrando que “a função-autor caracteriza o modo de existência, de circulação e de funcionamento de certos discursos no interior de uma sociedade” (p. 49).

Após críticas ao seu discurso, Foucault (1971) esclarece que o **princípio funcional** é aquele “através do qual se criam para a livre circulação, a livre manipulação, a livre composição, decomposição e recomposição da ficção”. Mesmo, diante destes esclarecimentos Agamben interpõe caber ao autor - como **instaurador de discursividade** - a apropriação particular, a distinção e seleção de discursos, a autenticação ou não de textos, a função enunciativa e a função transdiscursiva.

Na *ordem do discurso*, enquanto Foucault afirma que “a marca do escritor reside unicamente na singularidade da sua ausência; a ele cabe o papel do morto no jogo da escritura”, Agamben rebate que “existe um sujeito-autor, e, no entanto, ele se atesta unicamente por meio dos sinais da sua ausência” e completa, questionando: “de que maneira uma ausência pode ser singular? E o que significa, para um indivíduo, ocupar o lugar de um morto, deixar as próprias marcas em um lugar vazio?” (Ibid).

Apesar dos esclarecimentos dados por Foucault no início dos anos 1980, no *Dictionnaire des philosophes*, sobre o **sujeito** e o **sujeito como indivíduo**, Agamben afirma que

rejeitar o recurso filosófico a um sujeito constituinte não significa agir como se o sujeito não existisse, e fazer disso uma abstração a favor de uma pura subjetividade; tal rejeição tem, sim, por objetivo fazer aparecer os processos

próprios que definem uma experiência na qual o sujeito e o objeto 'se formam e se transformam' um em relação ao outro e em função do outro. (2007, p.51)

Em *O ser especial* (2007, p. 44-48) Agamben parece responder à pergunta formulada sobre o **sujeito-autor** dizendo que a

imagem é um ser cuja essência consiste em ser uma espécie, uma visibilidade ou uma aparência. Especial é o ser cuja essência coincide com seu dar-se a ver, com sua espécie. O ser especial³ é absolutamente insubstancial. Ele não tem lugar próprio, mas acontece a um sujeito, e está nele como um *habitus* ou modo de ser, assim como a imagem está no espelho. A espécie de cada coisa é sua visibilidade, a sua pura inteligibilidade. Especial é o ser que coincide com o fato de se tornar visível, com a própria revelação. (p.46)

E, ainda, associa a este ser o significado de “ser qualquer um”, “indiferente e genericamente cada uma de suas qualidades, que adere a elas sem deixar que nenhuma delas o identifique” (p. 47).

No entanto, o filósofo nos alerta para o “duplo significado do termo ‘espécie’”, entre o “assombrar, surpreender” e o trazer “segurança”. “Ela é o que se oferece e se comunica ao olhar, o que torna visível e, ao mesmo tempo, o que pode - e deve a qualquer custo - ser fixado em uma substância e em uma diferença específica para que possa constituir uma identidade” (Ibid). Por outro lado, Agamben lembra que “pessoa significa originariamente **máscara**⁴, ou seja, algo eminentemente especial” e que o “especial transforma-se em espetáculo” por comunicar “apenas a própria comunicabilidade”. Com a afirmação de que “o espetáculo é a separação do ser genérico, ou seja, a impossibilidade do amor e o triunfo do ciúme” o autor conforma o espetáculo como recurso do poder (p.48).

³ No referido capítulo, antes mesmo dessas considerações, Giorgio Agamben se refere à extensão do significado da palavra **species**: “aparência”, “aspecto”, “visão”, deriva de uma raiz que significa “olhar, ver”, e que se encontra também em *speculum*, espelho, *spectrum*, imagem, fantasma, *perspicuus*, transparente, que se vê com clareza, *speciosus*, belo, que se oferece à vista, *specimen*, exemplo, signo, *spectaculum*, espetáculo.

⁴ Termo repetidamente utilizado por Giorgio Agamben seja em *Infância e História* (2005) ou *Nudez* (2006), além de *Profanações* (2004).

Agamben menciona ainda as relações de poder e infâmia na obra de Foucault *A vida dos homens infames* - concebida originalmente como prefácio de uma antologia de documentos de arquivo, registros de internação ou *lettres de cachet* -, nos quais

essa dificuldade brota tematicamente na consciência, em que a ilegibilidade do sujeito aparece por um instante em todo o seu esplendor. [...] as vidas infames aparecem apenas por terem sido citadas pelo discurso do poder [...] como acontece nas fotografias em que nos olha o rosto remoto e bem próximo de uma desconhecida, algo naquela infâmia exige o próprio nome, testemunha de si para além de qualquer expressão e de qualquer memória. (p. 52)

Vidas reais foram atravessadas, porque 'postas em jogo' (*jouer*) e não figuradas ou representadas ali, disse Foucault em 1982, numa "galeria de retratos; trata-se, pelo contrário, de armadilhas, armas, gritos, gestos, atitudes, astúcias, intrigas, cujo instrumento foram as palavras". E, na análise de Agamben, seria menos porque "*jouer* também tem um significado teatral" e mais porque, "no texto, o agente, quem pôs em jogo as vidas, fica intencionalmente na sombra". A **vida infame** "é apenas jogada, nunca possuída, nunca representada, nunca dita — por isso ela é o lugar possível, mas vazio, de uma ética, de uma forma de vida" (p. 53).

Seleciona Dostoievsky, no livro *O Idiota*, para falar de um *autor* que, com a vida "jogada, não expressa; jogada, não realizada" de Nastasja Filippovna, "nada pode fazer além de continuar, na obra, não realizado e não dito. Ele é o ilegível que torna possível a leitura, o vazio lendário de que procedem a escritura e o discurso" (p. 55). Segue, ainda, falando da figura de *alguém que se arrisque à leitura* – da poesia *Padre polvo que subes de Espanha* (1937) de César Vallejo -, e que "isso pode significar apenas que tal indivíduo ocupará no poema exatamente o lugar vazio que o autor ali deixou, que ele repetirá o mesmo gesto inexpressivo através do qual o autor tinha sido testemunha de sua ausência na obra".

Agamben faz uso desses dois exemplos para reforçar o papel do autor, como “fiador da própria falta na obra em que foi jogado”, e o papel do leitor que “não pode deixar de soletrar o testemunho, não pode, por sua vez, deixar de transformar-se em fiador do próprio inexausto ato de jogar de não se ser suficiente” (p. 55-6).

Fecha o capítulo dizendo não haver uma chave secreta no gesto criador do autor, porque toda escritura “é um **dispositivo**, e a história dos homens talvez não seja nada mais que um incessante corpo-a-corpo com os dispositivos que eles mesmos produziram” e, portanto, “capturam e põem em jogo” a própria subjetividade. Uma subjetividade que se produz “onde o ser vivo, ao encontrar a linguagem e pondo-se nela em jogo sem reservas, exhibe em um gesto a própria irreducibilidade a ela” (p. 57).

REFERÊNCIA

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações* [2004]. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.